



CEL
CENTRO DE
ESTUDIOS
LATINOAMERICANOS

CUADERNOS
del **CEL**



A IDEOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES DEPENDENTES E ATRASADAS

O pensamento de Darcy Ribeiro

Camilla Dos Santos Nogueira

Camilla Dos Santos Nogueira es Economista, licenciada en la Universidad Federal de Espírito Santo (Brasil). Magíster en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional de San Martín (Argentina). Actualmente cursa el doctorado en Política Social en la Universidad Federal de Espírito Santo (Brasil) y realiza estudios con énfasis en Economía Política Internacional, Economía Latinoamericana, Política Social y Teoría de la Dependencia.

“Dizia ele que o autor, etnólogo de índios, brasileiro, que não era nem sequer marxista, pretendia nada menos que reescrever a teoria da história, o que equivalia, pensava ele, a inventar o moto-contínuo. O diabo é que eu pretendia mesmo!” (RIBEIRO 2001)

INTRODUÇÃO

O antropólogo e educador Darcy Ribeiro (1922-1997) fez parte de uma geração de intelectuais latino-americanos críticos e combativos, cuja produção intelectual oferece uma visão de conjunto do Brasil e da América Latina, ao desvelar que o *processo civilizatório* é conformado pela dominação de alguns povos sobre outros. Ribeiro inicia os estudos de “Antropologia da Civilização” em 1969, durante o exílio no Uruguai, quando publica a obra *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. O exílio lhe permitiu, por meio de condições inóspitas, alcançar uma visão de totalidade, a partir da realidade dos países subdesenvolvidos e atrasados.

Em trinta anos de produção intelectual, Ribeiro conformará seus estudos sobre o *processo civilizatório* nas obras *As Américas e a Civilização*. Processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos (1ª. ed., 1969); *Os índios e a civilização*. A integração das populações indígenas no Brasil moderno (1ª. ed., 1970); *O dilema da América Latina* (1ª. ed., 1971); *Os brasileiros – teoria do Brasil* (1ª. ed., 1978); e, por fim, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1ª. ed., 1995).

Ribeiro não parte de conceitos que serviram para a explicação da história europeia – como escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo – para entender o processo civilizatório e a formação dos “novos povos”, mas sim os entrelaça ao desvendar a relação dialética entre a expansão europeia e a formação da ideologia civilizatória em outros mundos. Darcy Ribeiro se perguntava:

“Como classificar, uns em relação aos outros, os povos indígenas, que variavam desde altas civilizações até hordas pré-agrícolas e que reagiram à conquista segundo o grau de desenvolvimento que haviam alcançado? Como situar, em relação aos povos indígenas e aos europeus, os africanos desgarrados de grupos em distintos graus de desenvolvimento para serem trasladados à América como mão de obra escrava? Como classificar os europeus que regeram a conquista? Os ibéricos, que chegaram primeiro, e os nórdicos, que vieram depois – sucedendo-os no domínio de extensas áreas–, configuravam o mesmo tipo de formação sociocultural? Finalmente, como classificar e relacionar as sociedades nacionais americanas por seu grau de incorporação aos modos de vida da civilização agrário-mercantil e, já agora, da civilização industrial?” (2001, p. 8-9).

Nesse sentido, também ao partir da realidade dos países subdesenvolvidos e atrasados, Darcy Ribeiro revisita o materialismo histórico dialético para pensar realidades que não foram pensadas por Karl Marx e Engels. Não reconhece no Brasil uma disputa entre burguesias progressistas e aristocracias feudais, nem mesmo um proletariado com propensões revolucionárias (RIBEIRO, 1995, p. 15). Sem embargo, admite a luta de classes, e busca construir uma obra crítica e revolucionária que pudesse explicar o processo histórico dos povos orientais, os povos árabes e latino-americanos, aos quais se dedicou.

A obra de Ribeiro foi influenciada por Frantz Fanon, Léopold Senghor, Aimé Césaire e pelos “estudos subalternos” da Índia. Ademais, foi diretamente influenciado pela reflexão crítica latino-americana de Salazar Bondy, Leopoldo Zea, Enrique Dussel e da chamada Filosofia da Libertação, além de Arturo Escobar, Aníbal Quijano, Fernando Coronil e, mais uma vez, Walter Dignolo. Também foi influenciado pelas ideias dependentistas que o levaram a compreender o desenvolvimento dos países atrasados como um resultado de uma relação desigual e combinada com os países avançados, assim como teve influência de A. Toynbee, ao explicar que a história dos últimos séculos é demarcada pela expansão da Europa, que alcançou todos os povos do planeta. E, finalmente, foi influenciado pelos fortes traços de pensadores latino-americanos como Simón Bolívar, José Martí e José Carlos Mariátegui.

Os ideais libertários, de identidade, autonomia, integração e reafirmação nacional ficaram submetidos à dependência, ao subdesenvolvimento e à subordinação aos sistemas econômicos e políticos dominantes, pertencentes ao sistema capitalista e ao imperialismo. Resgatar esses ideais e refletir sobre a possibilidade de recuperar a riqueza do nosso pensamento social latino-americano constitui um processo que requer articular a tradição desse pensamento crítico com os novos ideais teóricos que apresentam a compreensão da realidade contemporânea.

Sem esse pensamento, dificilmente se poderia vislumbrar a especificidade da América Latina e, pelo contrário, fica perigosamente exposto a se desfazer dentro das tendências que vão marcando o atual processo denominado de globalização e pós-modernidade, que fragmentam o pensamento crítico. Desse modo, sem a descolonização do conhecimento e da subjetividade não se reorganizam governos, políticas econômicas e políticas sociais que permitam vida digna a populações marginalizadas e empobrecidas da sociedade.

O PROCESSO CIVILIZATÓRIO

Em *O processo civilizatório. Etapas da evolução sociocultural* (2001), Darcy Ribeiro apresenta os doze processos civilizatórios divididos entre sociedades arcaicas, civilizações regionais e civilizações mundiais, além dos subtipos. No primeiro tipo de sociedade, encontram-se as formações sociais como aldeias agrícolas indiferenciadas; no segundo tipo, Ribeiro nomeou as configurações sociais de estados rurais artesanais, as chefias pastoris nômades, os impérios teocráticos de *regadio*, os impérios mercantis escravistas e os impérios despóticos salvacionistas. Finalmente, as civilizações mundiais são os impérios mercantis salvacionistas e o colonialismo escravista; o capitalismo mercantil e os colonialismos modernos; o imperialismo industrial e neocolonialismo; a expansão socialista; por fim, projetou a civilização da humanidade (RIBEIRO, 2007).

Nessa obra, Ribeiro apresenta os últimos dez milênios da história dos homens, e formula um esquema da evolução sociocultural. Esse esquema permitiu a Ribeiro mostrar que a evolução humana é repleta de rupturas; nega-se, portanto, a lógica linear dos movimentos e admite-se que o processo de transformação social é demarcado pelo conflito entre os polos dominante e dominado, no que refere às tecnologias, social e ideologia. Darcy Ribeiro afirma que:

“Concebemos a evolução sociocultural como o movimento histórico de mudança dos modos de ser e de viver dos grupos humanos, devido às revoluções tecnológicas sobre sociedades concretas, tendentes a conduzi-las à transição de uma etapa evolutiva a outra, ou de uma a outra formação sociocultural. Empregamos esta última expressão para designar as etapas evolutivas enquanto padrões gerais de enquadramento sociocultural dentro dos quais se desenvolve a vida dos povos. Ou seja, em outras palavras, como modelos conceituais de vida social, fundados na combinação de uma tecnologia produtiva de certo grau de desenvolvimento, com um modo genérico de ordenação das relações humanas e com um horizonte ideológico, dentro do qual se processa o esforço de interpretação das próprias experiências com um nível maior ou menor de lucidez e de racionalidade.” (RIBEIRO, 2001, p. 29).

Civilização é um conceito que se origina na antropologia e na história que, a partir de uma perspectiva evolucionista, é a fase mais avançada de determinada sociedade, e se concretiza na construção de cidades. Essa perspectiva apenas contrapõe as sociedades complexas às primitivas, enquanto que, para Darcy Ribeiro, a evolução sociocultural consiste no movimento histórico de mudança desencadeado pelo impacto de sucessivas transformações tecnológicas, que permitem que as sociedades transitem de uma etapa a outra. Sobre este aspecto, Ribeiro esclarece:

“Esperamos que essa tentativa de sistematização e de renovação conceitual contribua para determinar as etapas básicas de desenvolvimento tecnológico distinguíveis no continuum da evolução humana; para discernir os modos de vida correspondentes a esses avanços evolutivos, em termos de formações econômico-sociais ou socioculturais para identificar as forças dinâmicas responsáveis pela sucessão de etapas e de formações; e finalmente, para definir as condições em que esta sucessão se acelera ou se retarda, ou entra em regressão e estagnação.” (RIBEIRO, 2001, p. 18).

Progressos e regressões, para Darcy Ribeiro, determinam a configuração histórica de determinada sociedade, avanço e retrocesso no que se referem a aspectos produtivos, sociais e culturais, portanto, não se trata de um fim específico, como os evolucionistas supõem. De forma geral, a civilização indica a cultura de determinado povo e suas características sociais, científicos, políticos, econômicos e artísticos próprios e distintos.

Desse modo, a partir da base metodológica marxista, Darcy Ribeiro busca desvendar a lógica da transformação humana, e supõe que entre o primitivismo e a civilização não há uma sequência evolutiva linear, mas rupturas, daí um campo de possibilidades materializado nas configurações históricas. Logo, as transformações das sociedades resultam das novas feições tecnológica, social e ideológica, e que é fundamentalmente determinado pela luta entre dominador e dominado, através da luta de classes.

Ribeiro (2001) apresenta um arcabouço conceitual a partir do qual a história das sociedades humanas pode ser explicada através de uma sucessão de revoluções tecnológicas e de processos civilizatórios. Portanto, o processo civilizatório aborda conjuntamente a diversificação e a homogeneização da evolução das sociedades como o resultado das transformações tecnológicas originais e da adoção do desenvolvimento alcançados por outros povos.

AS AMÉRICAS E A CIVILIZAÇÃO

Na obra *As Américas e a Civilização. Processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos* (2007), Darcy Ribeiro integrou uma análise antropológica, econômica, histórica e política, formulando um estudo que, segundo ele, contribuiria “para uma tomada de consciência ativa das causas do subdesenvolvimento” (RIBEIRO, 2007, p. 14). Nessa narrativa, Ribeiro desvela o “desenvolvimento desigual dos povos americanos”, subtítulo da obra, como resultado de um processo do sistema econômico, que, em sua lógica global, estabelece uma relação de dependência e subordinação de alguns países em relação a outro.

Ribeiro inicia a obra através do estudo da expansão dos países europeus às outras partes do mundo, como marca da dominação imperialista. A Europa, representada pela Espanha e por Portugal, era constituída por sociedades rigidamente estamentadas de base agrário-artesanal, tendo a Igreja católica como a principal proprietária de terras. A chegada desses povos europeus às Américas e o primeiro encontro com etnias indígenas fizeram nascer uma nova autenticidade que, para o europeu, se tratava de uma subumanidade destinada ao papel subalterno na ordem mundial.

Classificando um conjunto de povos extraeuropeus, Darcy Ribeiro (1984) apresenta uma tipificação de grupos de acordo com as suas formações histórica e cultural, que são os povos transplantados, os povos emergentes, os povos testemunhos e os povos novos. Os povos transplantados são imigrantes que, uma vez instalados, mantiveram os costumes dos países de origem, como é o caso dos imigrantes que construíram algumas colônias no Sul do Brasil e dos que se fixaram na Argentina e no Uruguai. Os povos emergentes resistem à dominação e opressão e buscam recuperar suas identidades originais. Já os povos testemunhos são astecas, maias, incas e diversas etnias de indígenas que estavam no continente desde o período pré-colombiano, presente em grande medida em México, Peru e Bolívia, os quais conduzem dentro de si as duas tradições originais sem fundi-las.

Sobre o nascimento dos povos novos, Ribeiro os define como uma configuração histórico-cultural com diferenças linguísticas; apresentam-se com perfis culturais diversos (os luso-americanos, os hispano-americanos, os franco-americanos, os anglo-americanos e os batavo-americanos), com matrizes religiosas diferentes, mas tendo em comum a colonização escravista, que reúne as diferenças, e se formam pela influência cultural e a miscigenação de várias etnias, que a título de exemplo estão Brasil, Cuba, Colômbia e Venezuela. Para Darcy Ribeiro, os povos novos resultam dos processos de *desindianização* do índio, de *desafricanização* do negro e de *deseuropeização* do europeu (RIBEIRO, 1995).

A respeito da herança africana, Darcy Ribeiro aponta ser mais relevante atentar para a proporção dos seus contingentes integrados às populações das Américas do que a análise dos diversos grupos negros e suas varrições culturais, pois, para Ribeiro, a escravidão aniquilou as especificidades culturais dos inúmeros povos africanos, amalgamando às etnias nacionais recém-nascidas. O sincretismo religioso é um exemplo de forma de resistência, mas que reflete a relação entre a dominação religiosa branca e as tradições religiosas africanas.

A matriz indígena, por sua vez, em razão de serem nativos, tiveram mais chances de expressão. A primeira delas refere-se às “aldeias agrícolas indiferenciadas” dos *Tupi-Guarani*

na costa atlântica da América do Sul, dos *Aruaké*, da floresta amazônica e dos *Karib*, do Caribe. Como “Estados rurais artesanais”, eram conhecidos os *araucanos* do Chile moderno; os *Chibcha*, na Venezuela, na Colômbia e na América Central, também os *Timote* e as confederações *Fincenu*, *Pancenu* e *Cenufaná*, devendo-se acrescentar os *Jicague* (Nicarágua), os *Cuna* (Panamá) e alguns outros (RIBEIRO, 2007).

Diante da conformação histórica cultural dos povos extraeuropeus, para Ribeiro a superação do atraso e do subdesenvolvimento deve partir dos conceitos de “modernização reflexa” em oposição à “aceleração evolutiva”. A “modernização reflexa” (atualização histórica) corresponde à experiência de uma sociedade e de uma economia reflexa, isto é, que não produz tecnologia própria e cuja existência tende a ser norteadada para satisfazer as determinações políticas e econômicas dos países avançados. Fornecedora de matéria-prima, de recursos energéticos ou submetida a uma “industrialização recolonizadora”, o modo de ser da sociedade reflexa, (neo)colonizada, é remeter lucros e riquezas ao centro do capitalismo, uma extensão subordinada desse. Enquanto que a “aceleração evolutiva” acarreta a possibilidade do desenvolvimento autônomo.

Portanto, por um lado, a “atualização histórica” indica a subordinação, enquanto que a “aceleração evolutiva” expressa uma transformação possível. Um ou outro rumo tem o poder de produzir distintos desdobramentos históricos dos processos civilizatórios.

Para Ribeiro, o processo histórico das regiões atrasadas está centrado na contradição entre o crescimento das forças produtivas e a dominação progressiva das elites sobre o proletariado, pois a relação dependente dos povos atrasados em relação às regiões tecnologicamente avançadas e desenvolvidas, que resulta em perda de autonomia, gestando a ambiência favorável à superexploração da força de trabalho e ao monopólio do mercado consumidor interno.

Na concepção de Darcy Ribeiro, a vida dos povos latino-americanos não é ordenada para si, mas sim sujeita à condição de “proletariado externo” do imperialismo. Uma ampla marginalização social e econômica reside na experiência das sociedades dependentes e subalternas. Ao apresentar a ideia de “proletariado externo”, Ribeiro elege o desenvolvimento tecnológico como critério básico da construção de nosso esquema de evolução sociocultural, para formular uma interpretação crítica da história da tecnologia, entendendo o subdesenvolvimento como produto de um processo de *incorporação histórica*.

A inserção da América Latina no mercado mundial contribuiu para desenvolver o modo de produção especificamente capitalista, pois, nos marcos da divisão internacional do

trabalho, uma das funções atribuídas aos países latino-americanos foi a de prover alimentos (produtos primários) à classe operária dos países industriais.

Desse modo, nas regiões subdesenvolvidas, através da ideologia de processos civilizatórios, e expansão imperialista pelo mundo, houve continuamente a deculturação dos povos subordinados, seja pela destruição física, seja pelo desenraizamento de suas matrizes étnicas, e finalmente pela perda de sua autonomia econômica e política.

O POVO BRASILEIRO

Na obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), Darcy Ribeiro desvenda a pluralidade dos *modos de ser* dos sertanejos nordestinos, dos caboclos da Amazônia, dos crioulos do litoral, dos caipiras do sudeste e do centro do país, dos gaúchos das campanhas sulinas, dos ítalo-brasileiros, dos teuto-brasileiros, como forma de oferecer uma interpretação que permite aos brasileiros enfrentarem suas mazelas, erguer a autoestima e se reinventar como nação, *povo original*, de mamelucos, caboclos e mulatos.

Ribeiro reconhece o povo brasileiro como um “novo gênero humano”, mas o faz sem uma postura condescendente ou nostálgica do arcaico, pois, conforme ele, a formação do povo brasileiro não ocorre de uma maneira natural e nem mesmo estática. Darcy Ribeiro desenha um povo que nasce da violência e entende o Brasil como um país de mestiços, que, na mistura entre índios, africanos, mamelucos, caboclos, mulatos e europeus, formaram a identidade do brasileiro, em uma cultura sincrética e singular.

Desse modo, segundo Ribeiro, surge uma nova identidade nacional, a partir da usurpação da identidade original “no processo de formação e transformação das etnias, do isolamento à integração, com todas as suas consequências de mutação cultural e social e de redefinição do ethos tribal” (RIBEIRO, 1995, p. 28), nasce o *povo brasileiro*, e esclarece:

“O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não índios, não europeus e não negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira.” (RIBEIRO, 1995, p. 131).

Para Ribeiro, há na formação dos *brasilíndios* uma identidade contraditória, dividida entre o oprimido e o opressor, entre aqueles que negam suas origens. O *mameluco* rejeita a mãe índia, e opõe-se aos irmãos de sangue das Américas, ao passo que é desconhecido por seu pai branco.

Ribeiro se interroga como pretos e índios submetidos a tal processo de deculturação puderam permanecer humanos, uma vez que a racionalidade do escravismo é

oposta à condição humana? Ele mesmo responde que a submissão apenas pode ser explicada pela força da opressão que exigiu a mais fervorosa vigilância e o uso constante dos castigos preventivos capazes de levar o ser humano a se esquecer de si. Além disso, o autor exalta a fuga como a mais forte motivação do cativo para se manter vivo e destaca o principal dos conflitos havidos na história brasileira: o racial, que não oculta, ao contrário, os elementos classistas.

O povo brasileiro que Darcy Ribeiro desvenda nasce a partir de uma relação estabelecida a partir da lógica capitalista da acumulação imposta pela divisão internacional do trabalho. Um país cuja produção está atrelada ao mercado internacional que retira a autonomia e reforça a dependência, impedindo, assim, uma verdadeira revolução industrial e tecnológica, e sem uma classe dominante interessada em construir um projeto nacional. A partir de uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante (RIBEIRO, 1995), nasce a identidade étnico-social brasileira, um povo que permanece em busca de sua identidade.

Darcy Ribeiro, ao longo de sua trajetória política, sempre esteve envolvido com lutas em defesa de uma educação pública e universal. Sua luta por uma lei mais democrática para a educação provocou uma crise com as escolas confessionais. O debate estava em torno do caráter da educação popular necessária e como destinar ao ensino popular os escassos recursos públicos disponíveis para a educação. Ribeiro afirma que:

“Não nos opusemos jamais à liberdade de ensino no sentido do direito, de quem quer que seja, a criar qualquer tipo de escola a suas expensas, para dar educação do colorido ideológico que deseja. Nos opúnhamos, isso sim, em nome dessa liberdade, a que o privatismo se apropriasse, como se apropriou, dos recursos públicos para subsidiar escolas confessionais ou meramente lucrativas.” (Ribeiro, 1997, p. 226).

Entendendo o processo espoliativo dos países avançados sobre a periferia do capitalismo, Darcy Ribeiro toma a educação pública como forma de resistir a essa condição de subordinação e dependência. A emancipação nacional demanda domínio técnico-científico e gente capaz de produzi-lo.

Na realidade brasileira e na formação do povo brasileiro, está a marcada existência de uma estratificação social peculiar, na qual a “lupem burguesia” colabora em grande medida para superexplorar a força de trabalho, pois, sem projeto próprio de sociedade, segue subordinada aos imperativos do capital internacional. Na parte debaixo da pirâmide, uma minoria de trabalhadores portadores de alguns direitos e submetidos a baixos salários, pouco propensa a uma prática política que transcenda os limites corporativos do sindicalismo, marginalizada e fada a sua *ninguendade*.

Não é casual que Darcy encerre *O povo brasileiro* com uma louvação a uma *nova romanidade* aspirante à superação dialética de sua *ninguendade*, e aponta que o destino dos brasileiros é a unificação com todos os latino-americanos, pela oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar:

“Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical [...]. Mais alegre porque mais sofrida. Melhor porque incorpora em si mais humanidades.” (RIBEIRO, 1995, pp. 454-5).

Em *O Povo Brasileiro*, Darcy Ribeiro insiste na urgência da releitura do nacional-popular, que está para além de suas determinações a partir do Estado, mas que representa uma forma de emancipação capaz de dar consciência e transformação às condições dos países do sul.

REFLEXÕES FINAIS

Darcy Ribeiro busca em suas obras demonstrar que as configurações históricas e culturais determinam, parcialmente, os diferentes processos civilizatórios de cada sociedade, em que alguns povos alcançam níveis maiores de desenvolvimento. No entanto, Ribeiro oferece uma interpretação que aponta outros determinantes para o atraso e subdesenvolvimento de cada povo, aspectos estruturais que fundamentaram as desigualdades entre as nações, entendendo que não era aceitável o subdesenvolvimento como condição necessária para o processo evolutivo que tinha o desenvolvimento como fim.

Ribeiro salienta que a história da América Latina não é uma história separada, sem relação com a dos países desenvolvidos. Desse modo, deve ser considerada a partir de um elemento integrador e inseparável do sentido de totalidade. Para Ribeiro, existe, antes de tudo, uma relação de subordinação inerente à forma como o capital e os interesses de seus proprietários se internacionalizam; sendo, portanto, o mecanismo central de subordinação do território, do espaço, dos sujeitos, dos países subdesenvolvidos, como forma de garantir o poder de reprodução do capitalismo na esfera internacional.

Deste modo, escrevendo na década de 1980, Darcy Ribeiro (1984) aporta interrogantes a respeito das capacidades de transformação das civilizações emergentes, visto no crescimento dos movimentos indígena na América Latina, precisamente os sobreviventes das civilizações incaica, asteca e maia, depois de séculos da mais terrível opressão, que começavam a reclamar com mais visibilidade e influência seus direitos à igualdade, auto-representação, e em alguns casos, autonomia política. Portanto, Darcy Ribeiro representa uma excelente fonte de reflexão, não somente em relação ao passado, como também tendo em vista o tempo presente e os dilemas futuros da Nação e de *Nuestra América*.

REFERÊNCIAS

- ✍ MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia-Julio Mejia NAVARRETE- E.V. SOARES- José Willington GERMANO- Diogi COSTA, *Aspectos do pensamento social crítico latino-americano: intelectuais e produção do conhecimento*, in: MARTINS, Paulo Henrique-Rogério MEDEIROS (Orgs.), *América Latina e Brasil em perspectiva*, Recife, UFPE, 2009, 205-241, v. 1.
 - ✍ MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. “Narrativa e reconciliação em «O Povo Brasileiro» de Darcy Ribeiro”, *Naveg@américa. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas* [em línea], nº 5 (2010)[Disponível em: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. Acesso em: 25 novembre 2016]
 - ✍ RIBEIRO, Darcy, *As Américas e a civilização. Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
 _____ *Confissões*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
 _____ *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*, Petrópolis, Vozes, 1988.
 _____ *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
 _____ *O processo civilizatório. Etapas da evolução sociocultural*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001
 _____ *Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
 _____ *La Civilización Emergente, Nueva Sociedad* 73 (1984) 26-37.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto., *Darcy Ribeiro: a razão iracunda*. Florianópolis: UFSC, 2015.